

Poderio da TV Globo está ameaçado com falência de afiliadas em várias regiões do País



DECADÊNCIA — Demissões sequentes esvaziaram a sede da TV Amapá (afiliada da Rede Amazônica, de Manaus)

Enquanto os irmãos João Roberto, José Roberto e Roberto Irineu Marinho descerravam a fita inaugural do MG4 (Módulo de Gravação), um conjunto de três imensos estúdios de produção de conteúdo, ocupando uma área estimada em 1,73 milhão metros quadrados, ao custo aproximado de R\$ 207 milhões, boa parte das afiliadas da Rede Globo espalhadas pelo Brasil contabilizava enormes prejuízos financeiros, resultado da crise econômica em escala mundial, do advento das mídias on line e do encolhimento do mercado publicitário. Empresas antes rentáveis, que predominavam absolutas em suas regiões, perdiam espaços para emissoras menores, mais enxutas, e com programações locais produzidas com elevado nível de qualidade.

No vizinho estado do Pará, uma das emissoras de maior audiência no região oeste paraense, a TV Tapajós, anunciou que está no vermelho. Ela é afiliada da TV Globo em Santarém, município localizado a 1.385,5 quilômetros da capital, Belém. De acordo com a planilha contábil da empresa referente a janeiro deste ano, o prejuízo acumulado totaliza R\$ 916.766,14. A Rádio e TV Tapajós Ltda é considerada a galinha dos ovos de ouro do espólio de Joaquim da Costa Pereira, morto em janeiro de 2010. Desde então, é gerida por Vânia Pereira Maia, uma das seis herdeiras. Em março deste ano, Vânia teve que recorrer à Justiça para

sacar R\$ 255,6 mil do espólio, com propósito de adquirir quatro veículos para a emissora. Enfrentou dificuldades para obter a autorização.

Seis meses atrás, a TV Amapá (afiliada da Rede Amazônica, sediada em Manaus/AM) promoveu cortes de despesas, enxugou a folha de pagamento e fechou departamentos. Pela primeira vez, em 43 anos de existência, a direção da empresa anunciou o parcelamento de salários, a suspensão de lanches e refeições, o cancelamento de planos de saúde e a redução da frota de carros da reportagem. Jornalistas, cinegrafistas, editores e produtores foram demitidos. Fornecedores deixaram de ser pagos. Intercâmbios foram suspensos. Para completar, há meses circula em Macapá o boato de que os herdeiros de Phelippe Daou, fundador da Rede Amazônica, morto em dezembro de 2016, tencionam se desfazer da repetidora amapaense. Até o nome do empresário e vice-governador Jaime Nunes surgiu como provável interessado em adquirir o espólio.

Rebaixados de cargos, punidos e afastados do ar após participarem de uma greve em junho, um grupo de jornalistas da Globo em Alagoas (TV Gazeta) tomaram uma decisão drástica: pediram a intervenção do Grupo Globo na emissora local. Eles enviaram uma carta à direção de Jornalismo da empresa pedindo imediata intervenção na emissora alagoana. "Somente uma intervenção na diretoria administrativa e, sobretudo, de Jornalismo, é capaz de mudar os rumos dessa história que contamos hoje a você e, em seguida, ao público", diz o documento enviado à rede da família Marinho. Nele, os funcionários relatam que o chamado "padrão Globo" não existe mais em Alagoas, e que isso coloca em risco 30 anos de trabalho das equipes locais, bem como o nome da própria rede.

A TV Gazeta tem como principal acionista do senador Fernando Collor de Mello (PTC), investigado pela Lava-Jato e que teve pena de mais de 22 anos prisão pedida pela PGR (Procuradoria-Geral da República). O diretor-executivo da TV Gazeta, Luís Amorim, também já foi citado nas investigações no Paraná, como autor de um suposto empréstimo de R\$ 1 milhão a Collor de Mello. A emissora enfrenta grave crise econômica. Sua sede e outros imóveis estão sendo leiloados para pagamento de dívidas.

Quando o principal executivo das Organizações Rômulo Maiorana, Rômulo Maiorana Júnior, foi formalmente afastado pelos irmãos Ronaldo, Rosângela, Roberta, Ângela e Rose Maiorana, acusado de ser o responsável pelos problemas financeiros do grupo, a TV Liberal, retransmissora da Rede Globo no Pará, mergulhou numa crise sem precedentes. Apesar dos esforços da família, a Delta Publicidade, que administra a tv, os jornais "O Liberal" e "Amazônia", não conseguia vencer a crise financeira iniciada em meados de 2016.

Porém, esta ainda não fora a pior fase enfrentada pela "global" paraense. Em 2013, os Maiorana foram surpreendidos com manobras de seu principal concorrente e adversário político, senador Jader Barbalho (MDB), um dos fundadores do Grupo RBA de Comunicação, em direção à sede do Grupo Globo, no Rio de Janeiro, interessado em arrematar a concessão da TV Liberal, um antigo sonho dele. Foram salvos pelos irmãos Marinho, cuja ojeriza por Barbalho é uma herança paterna.

Diante da crise em espiral crescente, a Globo praticamente "confiscou" o jornalismo da Liberal, deslocando um jornalista mineiro, Álvaro Borges, para o comando do setor. Ainda assim, não foi o bastante. Então a Globo decidiu que era a hora de entrar na parte técnica e financeira da afiliada. Exigiu a melhoria e atualização dos equipamentos, incitou a adoção da imagem de alta definição e forçou a compra de um helicóptero para a cobertura aérea diária da cidade e para os deslocamentos jornalísticos necessários.

Esses investimentos também não seriam suficientes. Para livrar a TV Liberal dos olhos cobiçosos de Jader Barbalho, a direção nacional da Globo passou a incluir o Pará na sua programação, do jornalismo às novelas. Escalou atores globais e jornalistas da sede para fazer chamadas da emissora do Pará na programação nacional. Criou estrelas locais, a mais brilhante das quais é Gaby Amarantos, por suas qualidades e pelo vasto empurrão da Globo.

Nunca a emissora da família Marinho fez tanto por uma afiliada. O risco, que era alto, exigiu esse envolvimento integral. Tudo para evitar que o senador Jader Barbalho se tornasse concessionário de uma afiliada da TV Globo.

No entanto, tanto esforço acabou dissolvido diante dos sucessivos desentendimentos entre os Maiorana. Em meados de 2018, a TV Liberal mergulha em outra crise financeira trazendo à tona um novo personagem, o empresário Phelippe Daou Júnior, do Grupo Rede Amazônica, interessado em adquirir a emissora paraense, dessa vez com as bênçãos dos irmãos Marinho. As conversas entre Phelippe e os irmãos

Maiorana avançavam para um desfecho satisfatório, contudo, emperraram quando o grupo paraense condicionou a venda da TV a um pacote no qual estaria incluído também o jornal O Liberal. E Phelipinho recuou.

Atualmente, a TV Liberal atravessa mar revoltoso navegando em bote de segunda mão. O naufrágio, vaticinam observadores, parece iminente.